

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano II | Volume 4 | Nº 11 | Boa Vista | 2020

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<http://doi.org/10.5281/zenodo.4158704>



TRABALHADORES DA ENFERMAGEM NA PANDEMIA DA COVID-19 NO BRASIL: QUEM TEM CUIDADO DE QUEM CUIDA?

Luís Paulo Souza e Souza¹

Resumo

Neste artigo, discutem-se os desafios dos Profissionais da Enfermagem (Enfermeiros, Técnicos e Auxiliares de Enfermagem) enquanto na linha de frente contra a COVID-19 no Brasil. De forma crítica, destacam-se os dados de infecção e mortalidade destes profissionais decorridos sete meses da doença no país, elucidando uma triste realidade: o Brasil é o país em que mais morrem profissionais da Enfermagem por COVID-19. Reconhece-se que os dados podem ainda sofrer subnotificações, o que pode agravar a situação. Frente aos impasses do governo federal, principalmente na figura do Presidente, com uma face do Governo necropolítico, que tem imposto um falso dilema entre “vidas” e “economia”, a lógica neoliberal tem colocando vidas em jogo, com o saldo um tanto quanto negativo e desfavorável. Assim, o momento é essencial para pensar como os trabalhadores da Enfermagem tem se apresentado nesta pandemia, de forma a repensar nas condições de vida, condições de trabalho e rumos, além de repensar o sistema de saúde e as formas para enfrentamento de futuras epidemias e pandemias.

Palavras chave: Brasil; Condições de Trabalho; COVID-19; Enfermagem.

Abstract

This article discusses the challenges of Nursing Professionals (Nurses, Technicians and Nursing Assistants) while on the front line against COVID-19 in Brazil. Critically, we highlight the infection and mortality data of these professionals after seven months of the disease in the country, elucidating a sad reality: Brazil is the country in which most nursing professionals die by COVID-19. It is recognized that the data may still suffer underreporting, which can aggravate the situation. Faced with the impasses of the federal government, especially in the figure of the President, with a face of the necropolitical government, which has imposed a false dilemma between "lives" and "economy", neoliberal logic has put lives at stake, with the balance somewhat negative and unfavorable. Thus, the moment is essential to think about how nursing workers have presented themselves in this pandemic, in order to rethink living conditions, working conditions and directions, in addition to rethinking the health system and ways to cope with future epidemics and pandemics.

Keywords: Brazil; COVID-19; Nursing; Working Conditions.

1

INTRODUÇÃO

O ano de 2020 iniciou marcado pela maior crise sanitária do século, advinda da pandemia da COVID-19 (*Coronavirus Disease 2019*). Atingidos por um novo coronavírus, o SARS-CoV-2, todos os países do mundo se depararam com a proliferação deste patógeno em uma velocidade nunca vista antes - desde a crise da gripe espanhola, em 1918 (YUEN *et al.*, 2020).

O novo vírus impôs mudanças severas no trabalho de diversos profissionais da saúde, os quais têm atuado de forma incansável nos cuidados aos infectados e na contenção da disseminação do vírus.

¹ Graduado em Enfermagem. Doutor em Saúde Pública pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor Adjunto do Curso de Graduação em Medicina do Instituto de Saúde e Biotecnologia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail para contato: luis.pauloss@hotmail.com



Em todo o mundo, enfermeiros, médicos, biomédicos, técnicos em enfermagem, auxiliares de enfermagem, farmacêuticos, psicólogos, auxiliares de limpeza e tantos outros têm pagado um alto preço na batalha contra o SARS-CoV-2, já que muitos destes profissionais têm sido infectados, inclusive, com uma parte evoluindo para óbito.

No grupo dos trabalhadores da saúde, Enfermeiros, Técnicos de Enfermagem e Auxiliares de Enfermagem representam maioria nos serviços públicos e privados, sendo essenciais e considerados nucleares na estrutura das profissões da saúde. Um relatório recente da Organização Mundial da Saúde (OMS) e do *International Council of Nurses* (ICN) enfatizam que, em todo o mundo, existem cerca de 28 milhões de profissionais de Enfermagem (OMS, 2020). Quando se especifica o Brasil, os dados mostram que existem mais de 02 milhões de profissionais, distribuídos em todos os municípios e em todas as estruturas organizacionais do sistema de saúde: hospitais, ambulatórios, clínicas, unidades de saúde da família, unidades de pronto atendimento, serviço de atendimento móvel de urgência, entre outros (SILVA; MACHADO, 2020).

Desta forma, é preciso enfatizar que tais trabalhadores estão na linha de frente dos atendimentos aos casos de COVID-19, com papel fundamental no combate à pandemia, não apenas em razão de sua capacidade técnica, mas por se tratarem da maior categoria profissional, sendo os únicos que permanecem 24 horas ao lado do paciente, estando, portanto, mais susceptíveis à infecção pelo novo coronavírus.

A CHEGADA DO SARS-CoV-2 NO PAÍS E A ENFERMAGEM

O primeiro caso da COVID-19 no Brasil foi confirmado no dia 25 de fevereiro, em São Paulo, com uma pessoa que havia viajado para o exterior. Rapidamente, outros estados também reportaram casos, fazendo com que os números atingissem patamares elevados num curto período de tempo. Mesmo com os equipamentos de proteção individual (EPI), reconhece-se que os profissionais da Enfermagem estão em situação de vulnerabilidade em relação à contaminação pelo vírus (SOUZA e SOUZA; SOUZA, 2020). Assim, como uma profissão que, historicamente, foi contemplada com salários baixos, falta de um piso salarial, condições de trabalho desfavoráveis, a Enfermagem passou para protagonista nesta luta contra a COVID-19, com destaque para o Brasil, uma vez que, até o dia 07 de outubro de 2020, o país é considerado um dos com maior número de casos e óbitos – 5.000.694 casos e 148.228 mortes (BRASIL, 2020).

Desde o início da pandemia no país até hoje, sete meses após, as estatísticas têm mostrado uma posição desfavorável dos profissionais da Enfermagem. A fim de acompanhar os casos de profissionais



infectados, o Conselho Federal de Enfermagem (COFEN) criou um *Observatório*, que é alimentado pelos serviços de saúde. No dia 07 de outubro de 2020, os dados mostram que foram registrados 40.884 profissionais da Enfermagem com suspeita de contaminação pelo novo coronavírus. Deste total, 481 encontram-se internados e 39.961 em quarentena. Em relação aos óbitos, os registros mostram 442 profissionais mortos pela COVID-19, equivalendo a uma taxa de mortalidade de 1,95% (COFEN, 2020). Contudo, em maio de 2020, a taxa de mortalidade de Enfermeiros, Técnicos e Auxiliares já chegou a 8%, valor muito maior que a da população em geral (SILVA, 2020a).

O QUE ESTES DADOS NOS REVELAM?

Os dados do Observatório do COFEN mostram que o Brasil é o país em que mais morrem profissionais da Enfermagem por COVID-19. Os Estados Unidos, país com maior número casos e vítimas fatais da pandemia até o momento, registraram 46 mortes de profissionais da Enfermagem. Por sua vez, a Itália registrou 35 óbitos; e a Espanha indicou 04 óbitos. Assim, o Brasil corresponde à maior fatia do total mundial de óbitos na profissão.

Apesar de reconhecer que o COFEN, órgão maior que legisla sobre a Enfermagem tenha se organizado para elaboração de portarias, instrumentos e estratégias, ouve-se e leia-se nas mídias, casos de profissionais infectados pelo vírus, além daqueles que evoluíram para o óbito, escancarando uma realidade cruel dos serviços de saúde brasileiros em relação à Enfermagem: a falta de estrutura e apoio logístico e de materiais para uma assistência segura aos profissionais.

É importante destacar que, para alimentação do Observatório, é preciso que os serviços de saúde alimentem as informações/notificações. Desta forma, reconhece-se que há a possibilidade da existência de uma subnotificação, já que é possível observar profissionais infectados que continuam trabalhando. Ao se buscar reportagens no Google, maior porta de busca e serviços online, é possível obter diversas reportagens com relatos de profissionais da Enfermagem acometidos pela COVID-19. Por mais que sejam noticiários de site de jornais ou portais de comunicação, até o momento, é o que se pode ter de acesso à realidade da Enfermagem Brasileira nesta pandemia.

A ascensão de categoria desvalorizada para protagonista nesta pandemia tem apresentado um “preço”, representado em vidas humanas. Aprender com o que está ocorrendo agora é fundamental para serem traçadas estratégias de enfrentamento desta e de outras pandemias que surgirão. Infelizmente, não há como rastrear todos os casos de profissionais da Enfermagem acometidos pela doença no Brasil até o momento, dada as dimensões do país.



Todavia, é preciso reconhecer que tal impacto reflete uma parte da face necropolítica do Estado Brasileiro (SILVA, 2020b). Com a falta de articulação do nível federal, estados e municípios tentaram criar estratégias de contenção do vírus, impondo medidas de distanciamento social, de forma a achatar a curva de contágio. Contudo, tem-se o Presidente do País como a principal figura que adota uma postura negacionista e anticientífica, defendendo um Estado racionalizado, com redução do número de testes e voltados apenas para os casos suspeitos. Com os princípios inabaláveis de Bolsonaro de que o crescimento econômico e a prosperidade superam outras prioridades políticas influenciaram e continuam influenciando a resposta de enfrentamento da COVID-19. Surge um falso dilema entre “vida” e “economia”, elucidando pela precariedade laboral e as iniquidades e desigualdades existentes no contexto neoliberal no qual surge a pandemia, como se fosse possível edificar conquistas econômicas sobre cadáveres, enfatizando sempre a desresponsabilização do Estado e a liberação do “salve-se quem puder”.

Para compreender como o Presidente tem tentado naturalizar esta lógica que defenda a manutenção do mercado, mesmo que isso possa custar vidas, torna-se importante destacar que o neoliberalismo produz serviços e bens de consumo, mas, também, produz modos de ser sujeito. Sobre isso, Caponi (2020) enfatiza:

Essa nova forma de organização do trabalho supõe e precisa criar estratégias de “responsabilização” individual, transformando cada trabalhador em um sujeito responsável por seus êxitos e seus fracassos, independentemente dos contextos sociais de formação e de existência. E é nesse mundo de precariedade laboral, nesse mundo onde o Estado está ausente, pois já renunciou a sustentar redes de assistência, de saúde pública e de proteção social, é nesse mundo que surge a pandemia de Covid-19 (CAPONI, 2020, p. 2018).

Enquanto isso, os profissionais da linha de frente trabalham sem saber se já se infectaram, se estão infectados ou se serão atingidos pela doença, com necessidade de se afastarem do trabalho. É preciso enfatizar que o governo federal não pode se eximir de seu papel como regulador da produção de insumos estratégicos, destacando que tal responsabilidade também não pode recair apenas em estados e municípios. O momento exige ação conjunta dos três governos, de forma a garantir o abastecimento das unidades de saúde com equipamentos de proteção em quantidade e qualidade suficientes para viabilizar segurança aos profissionais de saúde, minimizando os riscos de contaminação e consequente morte por esta doença que assola nosso tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O momento é crucial para pensarmos a vida em coletividade, fazendo-nos refletir que, para além da maior crise sanitária, vivemos uma crise do cuidado. Os profissionais que cuidam estão à margem



dos cuidados pelas entidades que os empregam e das entidades que fiscalizam os empregadores. Os impactos da pandemia na saúde dos profissionais da Enfermagem já é uma realidade e o governo precisa considerar estes dados na adoção de políticas públicas. Ademais, o momento é crucial para olharmos para a Enfermagem como uma categoria vital para o sistema de saúde brasileiro. É preciso que se pense a partir de uma nova perspectiva sobre o cuidado, refletindo sobre as questões: *Quem tem cuidado de quem cuida? Quem irá cuidar de quem cuidava e adoeceu?*

O cuidado não pode ser unilateral! Já passou da hora dos planos de contingência para enfrentamento do novo coronavírus dos estados e das instituições de saúde se organizarem de forma a incluir o cuidado a quem cuida, sem considerarem os múltiplos olhares sobre o adoecimento dos milhões de profissionais da Enfermagem do país. Neste momento de ascensão de desvalorizada para protagonista da luta contra a COVID-19, discutir formação, funções, condições de vida, condições de trabalho e rumos, além de repensar o sistema de saúde e as formas para enfrentamento de futuras epidemias e pandemias.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **COVID19 - Painel Coronavírus Brasil**. Brasília: Ministério da Saúde, 2020. Disponível em: <<https://covid.saude.gov.br>>. Acesso em: 07/10/2020.

CAPONI, S. “Covid-19 no Brasil: entre o negacionismo e a razão neoliberal”. **Estudos Avançados**, vol. 34, n. 99, 2020.

COFEN - Conselho Federal de Enfermagem. **Observatório da Enfermagem**. Brasília: COFEN, 2020. Disponível em: <<http://observatoriodaenfermagem.cofen.gov.br>>. Acesso em: 07/10/2020.

OMS - ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **State of the world’s nursing 2020**. Genebra, 2020.

SILVA, C. M. A. “COVID-19 e necropolítica na conjuntura brasileira”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 2, n. 6, 2020.

SILVA, F. V. “Enfermagem no combate à pandemia da COVID-19”. **Revista Brasileira de Enfermagem**, vol. 73, n. 2, 2020.

SILVA, M. C. N.; MACHADO, M. H. “Health and Work System: challenges for the Nursing in Brazil”. **Ciência & Saúde Coletiva**, vol. 25, n. 1, 2020.

SOUZA e SOUZA, L. P.; SOUZA, A. G. “Enfermagem brasileira na linha de frente contra o novo Coronavírus: quem cuidará de quem cuida?”. **Journal of Nursing and Health**, vol. 10, n. 4, 2020.

YUEN, K. S. *et al.* “SARS-CoV-2 and COVID-19: The most important research questions”. **Cell & Bioscience**, vol. 10, 2020.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano II | Volume 4 | Nº 11 | Boa Vista | 2020

<http://www.ioles.com.br/boca>

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima